



1 - O que espera para 2022 no que respeita ao comportamento da economia mundial.

O comportamento da economia só pode melhorar, sobretudo se não houver factores externos de vária ordem, designadamente de natureza monetária, económica, política ou sanitária, a gerar acrescidos custos de contexto ou crises desnecessárias. A inflação será um problema conjuntural ou estrutural? Os *optimistas* dizem que a inflação não veio para ficar. Veremos... O “congestionamento causado pelas disrupções das cadeias de abastecimento” parece estar paulatinamente a reduzir-se, aumentando a oferta e aliviando a pressão nos preços. Se isto for o “prelúdio de uma normalização no comércio internacional”, então são boas as perspectivas. No entanto, com 100.000 militares na fronteira invadirá a Rússia a Ucrânia? O Ocidente limitar-se-á à diplomacia de retórica ou, no limite, a aplicar sanções económicas? Que consequências para os mercados financeiros? Poucas, dizem os entendidos. Mas diz-se também que outro conflito latente, bem mais perigoso, é a disputa nos Mares do Sul, entre Vietname, Filipinas e China. Já se constatou que a China constrói “ilhas artificiais, onde depois coloca instalações militares”. Que “neste mar estão 11 biliões de barris de petróleo e 60 triliões de metros cúbicos de gás natural”. E que “uma disputa aberta sobre a propriedade destes vastos recursos naturais entre estes países teria consequências para o comércio internacional e para a estabilidade de toda esta região que alberga 3 biliões de pessoas”. Moral da história: *haja mais juízo e a economia crescerá*. Quanto à saúde pública, já foi escrito, com ironia, que “o ministro da saúde da Alemanha referiu que, no final deste ano, toda a gente na Alemanha estará vacinada, recuperada ou morta. Torçamos pelas primeiras duas opções”. Não obstante, na Áustria, na Alemanha, na Holanda e na Grã-Bretanha regressou-se, de formas mais ou menos mitigadas, aos *lockdowns*. Mas não voltaremos certamente a Março de 2020, porque o Mundo está muito mais bem preparado. Reagiremos!

2 - O que espera para 2022 no que respeita ao mercado português da prestação de serviços jurídicos às empresas.

As empresas vão ser muito mais cuidadosas e não vão prescindir do apoio jurídico, bem pelo contrário, vão incrementá-lo. Contudo, as solicitações e as actividades jurídicas vão certamente diversificar-se e com a crescente complexidade vão aumentar áreas e desenvolver-se necessidades. Outras áreas e outras necessidades. Vai haver certamente mais trabalho, trabalho mais especializado e, sobretudo, oportunidades inesperadas em sectores diferentes e em várias outras jurisdições. Ou seja, devem procurar-se *novos desafios* e, claro, *abrir portas ao mundo*. Assistir-se-á a mudanças significativas no modo de exercício das profissões jurídicas. Questões de diversidade, multiculturalismo, ambientais, sociais e de boa ou má governação farão certamente a diferença. Mas não podem ser apenas *simples fachada* ou meras operações de marketing, qual publicidade enganosa. A globalização do mundo, a velocidade dos acontecimentos, a adaptabilidade dos escritórios, a digitalização dos casos e

fluxos de informação e a inteligência artificial no apoio à acção e à decisão vão trazer novas e difíceis exigências. Custos e benefícios. Quem investir em inteligência, organização, automatização, internacionalização, modernização e dar prioridade à inovação, à participação, à flexibilização e a tempo de qualidade vai crescer e muito. Quem *parar no tempo* pode ver passar e perder oportunidades... que existem para todos. Mas no que toca às possíveis taxas de crescimento do dito *mercado português da prestação de serviços jurídicos às empresas* estou mais *optimista*, até, que em relação às taxas de crescimento da economia em geral. Também a advocacia está hoje mais bem preparada. Cresceremos!